

REVISTA Cultura Açores de CULTURA

**Rede de Museus
e Coleções Visitáveis dos Açores**
Museologia em rede

***Roteiro do Património Cultural
Subaquático dos Açores***
Provavelmente, o maior museu
polinucleado do mundo

Lista de Imóveis Classificados dos Açores
Instrumento de gestão regional e local

Tabucchi e Mulher de Porto Pim
Leitura encenada, revisitação
e entrevista inédita

Bem-vindos

julho-dezembro-2015
N.º 3





(...) a rede é, de longe, o modo mais comum de estrutura organizacional (...).

Onde se fala de aranhas, de açorianidade e de recursos

Razões de uma rede

Uma rede é, definitivamente, uma estrutura de comunicação fantástica e, porque não dizê-lo, democrática. Pode ser usada em qualquer direção e em qualquer sentido, facilitando, inclusive, inversões de marcha e alterações de percurso. Tudo acontecendo suportado por ela, melhor dizendo, porque ela existe e é como é.

No fundo, (...) a rede é, de longe, o modo mais comum de estrutura organizacional, pela simples razão de que funciona bem.

Texto: **Francisco Maduro-Dias** | Museólogo | Grupo de Trabalho da Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores

Fotos: **Humberta Augusto** | DRC



1. Porquê uma rede?

Por alguma razão as aranhas usam a teia e os pescadores e trapezistas a rede. Feita de muitas linhas e, sobretudo, de muitos nós, ela é uma estrutura flexível, altamente resiliente e de grande capacidade de absorção de impactos. Ao mesmo tempo uma rede é, de longe, a forma mais habilitante de apanhar e segurar.

A aranha serve-se da teia como apoio à morada, como estrutura de caça e como suporte do alimento. Resistente ao vento e às intempéries, produzida por ela própria tantas vezes quantas as necessárias, é de uma leveza que engana, pela capacidade de respostas que contém.

Os pescadores, por sua vez, servem-se de redes desde há milénios, com fim muito semelhante ao das aranhas e seguindo um conceito que acaba por entrosar-se com os combates de gladiadores ou o pensamento

do judo: aproveitar a energia oposta para melhor segurar o que se pretende, privilegiando a flexibilidade.

O trapezista e, genericamente, todos os artistas de circo que arriscam o bailar nas alturas, confiam na rede, cá em baixo, por razão diferente. É que ela permite-lhes a liberdade do voo, dando a confiança necessária para, na hipótese de uma queda, poderem regressar ao bailado, quase logo a seguir.

Estamos, porém, apenas no levantar do véu. Regressando à aranha, todos sabemos a facilidade com que ela percorre as linhas da teia e decide pontos de atalaia, podendo optar por direções diferentes, conforme o pretendido e necessário. Uma rede é, definitivamente, uma estrutura de comunicação fantástica e, porque não dizê-lo, democrática. Pode ser usada em qualquer direção e em qualquer sentido, facilitando, inclusive,



Os Açores são um arquipélago, espalhado por uma considerável área do Oceano, não um território contínuo e contíguo (...).

inversões de marcha e alterações de percurso. Tudo acontecendo suportado por ela, melhor dizendo, porque ela existe e é como é.

No fundo, desde o tecido que nos cobre o corpo às linhas invisíveis, criadas pelas antenas que suportam as nossas comunicações por telemóvel, a rede é, de longe, o modo mais comum de estrutura organizacional, pela simples razão de que funciona bem.

É evidente que uma rede também tem problemas, fáceis de identificar mas nem sempre fáceis de resolver. É que uma rede baseia-se não apenas nos fios, mas principalmente nos nós, e disso sabem bem os pescadores, com as suas agulhas, e as aranhas com o seu vai e vem, depois da tempestade ou de alguma vassourada abrupta. É na lógica dos nós, da sua distribuição, na interdependência das suas distâncias, na possibilidade da sua reparação ou reforço, na capacidade de fornecer alternativas,

que reside a força de uma qualquer rede e a sua, repito, resiliência, porque um nó redistribui esforços e redireciona tensões, tendo em vista o equilíbrio e capacidade de resposta dinâmica permanentes do conjunto.

2. Porquê uma rede, nos Açores?

Seriam suficientes as razões atrás aduzidas para se perceber e justificar a necessidade de uma rede, como modelo de organização e ação, para melhor conhecer, apoiar e proteger a vasta e multifacetada herança material e imaterial a que chamamos património cultural. De facto, só uma rede tem a disponibilidade, estrutural e orgânica, para se aperceber dos ritmos e modos de uma qualquer cultura e da variedade dos seus testemunhos, adaptando-se a essa multiplicidade, mas mantendo a tenacidade e a estrutura de base. Existem, porém, outras razões.

Os Açores são um arquipélago, espalha-



do por uma considerável área do Oceano, não um território contínuo e contíguo, de fácil comunicação. Nunca é demais recordar que a distância de Santa Maria ao Corvo, 600km, é maior que a de Faro a Monção, 518km, ao mesmo tempo que a disparidade de superfícies terrestres de cada ilha é profundamente acentuada.

Como é costume lembrar e cada inverno se encarrega de não fazer esquecer, o resultado dessa geografia é que cada ilha tende a fechar-se sobre si própria, sobre os seus problemas, gostos e hábitos, sobre os seus modos de fazer, desfazer e refazer as respostas, comunitárias e individuais, aos desafios do existir.

Mar e distâncias de azul, tempestades e custos de comunicação geram barreiras que, se por um lado bloqueiam facilmente a comunicação entre as ilhas, por outro exigiram, desde início, que cada comunidade e cada ilha desenvolvessem idiossincrasias

próprias e formas particulares de ser e fazer, que acabam por só enriquecer o conjunto das ilhas, se for esse o modo de olhar escolhido para ver o que se passa, pelo valor acrescentado de todas elas.

Se a rede, se uma rede é o modelo organizacional mais divulgado, mesmo em territórios continentais, por maioria de razão ela será o modelo que melhor se adapta a contextos insulares, assumindo como nós possíveis cada uma das ilhas e, dentro delas, cada uma das comunidades e organizações. Mais que uma simples fatalidade geográfica, parafraseando Junqueiro, a existência de uma rede suporta-se, assim, no território dos Açores e na sua espacialidade próprias, em vez de o contestar e combater, conceptual e permanentemente, como acontece com os modelos importados de territórios continuados, para quem a existência de pedaços de mar introduz a noção, negativa, da descontinuidade, como se a



As ilhas, estas ilhas, são ricas demais para deixarem ao lado todos quantos têm e conservam exemplos de bens culturais relevantes (...).

continuidade fosse intrínseca e absolutamente necessária às lógicas de progresso ou evolução cultural.

É esta justificação, a um tempo física e cultural, que, casada com a simples constatação da funcionalidade e eficácia, permite justificar, de modo que acreditamos bastante sólido, a conveniência de uma Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores como modo de intervenção no âmbito cultural e patrimonial.

3. Porquê uma rede, de museus e coleções visitáveis, nos Açores?

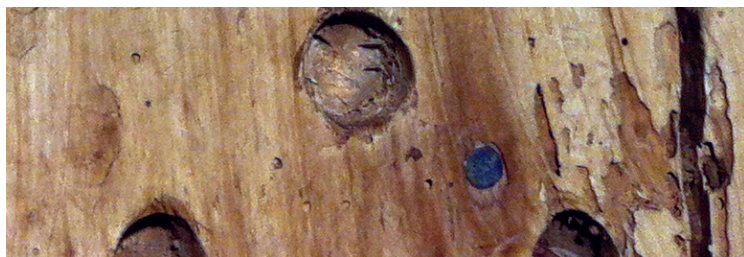
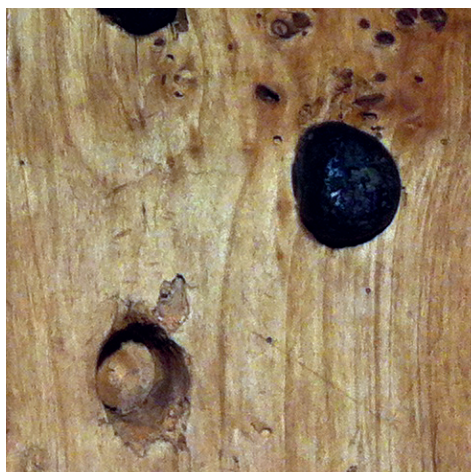
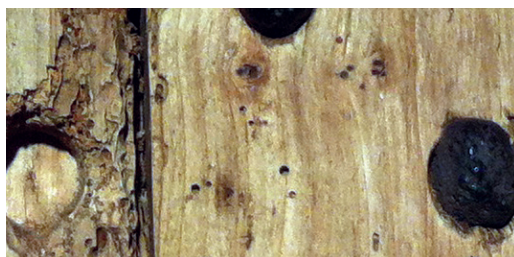
A construção cultural é uma atividade permanente e, no caso dos Açores, as questões de identidade são de relevante importância por razões profundas, sociais, culturais, políticas e estratégicas.

A identidade cultural destas ilhas – e de cada uma delas, por si – foi, desde muito cedo, entendida como diversa da de outros

territórios lusófonos e, mesmo naquilo que Portugal é hoje em dia, facilmente é percebida como diferente.

Com mestria difícil de ultrapassar, Vitorino Nemésio, no seu texto de 1932 sobre a Açorianidade, revela as múltiplas origens de que são feitas as ilhas, a sua paisagem e os seus habitantes.

O texto de Nemésio é, porém, mais do que a explanação inicial e fundacional desse modo de sentir ilhéu, muito próprio. É um texto verdadeiramente iniciático, na medida em que, ao ser lido, relido e interpretado como deve, nos pode conduzir a uma mundividência e cosmovisão que explicitam as diversas vertentes constituintes dos nossos modos de ser, de estar, de conceber a vida e os outros, abrindo portas do espírito, apontando caminhos, forçando, mesmo, agregações de ideias e de modelos, nem sempre costumeiras no modo ocidental de pensar e fazer.



Seguindo, então, o seu falar, temos que identificá-lo, percebê-lo, estudá-lo, compreendê-lo, integrá-lo e relacionar os testemunhos variadíssimos de cultura e natureza, de civilização e território, que são tarefa comunitária e não apenas dos seus espaços clássicos a que chamamos Museus. As ilhas, estas ilhas, são ricas demais para deixarem ao lado todos quantos têm e conservam exemplos de bens culturais relevantes, ainda que apenas semiconscientes do que guardam ou das razões por que apreciam.

É óbvio que os Museus, assumindo-se como reais casas das musas e baseados em acervos ricos e variados, tendem a ser os ambientes naturais de suporte de muita ação cultural. Porém, se se pretende um real uso da memória como recurso, importa abranger e envolver toda a comunidade, os seus membros e organizações.

Daí que uma rede abrangente e colaborativa seja o modelo natural de relação

a construir, capaz de pôr em evidência e acrescentar valor não só aos bens e saberes guardados, mas igualmente às muitas instituições de memória, centros de interpretação, instituições e grupos culturais relevantes para os Açores ou neles atuantes.

Num Mundo onde a colaboração interinstitucional tende a ser, cada vez mais, a norma, nomeadamente nos campos científico e cultural, os Açores como espaço multipolar, como cultura de vocação Atlântica e que inclui vários ultramares, diferentes regressos e múltiplas linhas de contactos e trocas, só terão a lucrar com uma rede que, respeitando a idiossincrasia de cada membro ou território, promova a cooperação interna, a qualificação das práticas, a visibilidade das ações e a valorização dos recursos, promovendo, igualmente, a articulação e cooperação nacional e internacional, através dos organismos e entidades com atividade na área do património material e imaterial.